

A SUBJETIVIDADE COMO POTÊNCIA DE PENSAMENTO: LINHAS IDENTITÁRIAS FEMININAS NA DOCÊNCIA

Daniela De Maman¹

Resumo

O texto pretende elucidar o estudo que tem por objetivo explorar o potencial criativo numa situação análoga das linhas de agenciamento ao emergir das subjetividades femininas no exercício docente, com também, promover compreensão dos processos de subjetivação à luz de algumas noções conceituais de Gilles Deleuze e Felix Guattari. As três linhas, de agenciamentos se caracterizam como conhecimento, isto é, saberes rizomáticos. As linhas deflagram, em situações de análise, da subjetividade feminina, trajeto de encontros com pensamentos e produção de identidades docentes. A abordagem metodológica utilizada ampara-se na pesquisa bibliográfica como estudo da arte e, na cartografia, como meio para o entendimento dos processos de subjetivação feminina na docência. As perspectivas alavancadas apontam um horizonte ampliado, sobre movimentos de pensamento, em que a noção de subjetividade é potencializada, como construção de uma prática voltada às singularidades dos sujeitos do gênero feminino.

Palavras - chaves: subjetividade; identidades; feminino.

SUBJECTIVITY AS A POWER OF THOUGHT: FEMALE IDENTITY LINES IN TEACHING

Abstract

The text intends to elucidate the study that aims to explore the creative potential in a situation analogous to the lines of agency when emerging from female subjectivities in the teaching practice, as well as to promote an understanding of the processes of subjectivation in the light of some conceptual notions of Gilles Deleuze and Felix Guattari. The three lines of assemblages are characterized as knowledge, that is, rhizomatic knowledge. The lines trigger, in situations of analysis, of female subjectivity, a path of encounters with thoughts and production of teaching identities. The methodological approach used is based on bibliographic research as a study of art and, on cartography, as a means of understanding the processes of female subjectivation in teaching. The leveraged perspectives point to an expanded horizon, about movements of thought, in which the notion of subjectivity is potentiated, as a construction of a practice focused on the singularities of the subjects of the female gender.

Key-words: subjectivity; identities; feminine.

¹ Professora Adjunta da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Francisco Beltrão. Pesquisadora no grupo de Pesquisa GECIBIO – Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Biologia da Unioeste, campus de Cascavel. Líder do Grupo de Pesquisa COSMOA – Educação Científica como Arte, Cultura e Tecnologia Educacional da Unioeste, Campus de Francisco Beltrão. Email: danielagremista@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7656-8722>

LA SUBJETIVIDAD COMO PODER DEL PENSAMIENTO: LÍNEAS DE IDENTIDAD FEMENINA EN LA DOCENCIA

Resumen

El texto pretende dilucidar el estudio que pretende explorar el potencial creativo en una situación análoga a las líneas de agencia al emerger de las subjetividades femeninas en la práctica docente, así como promover la comprensión de los procesos de subjetivación a la luz de algunas nociones conceptuales de Gilles Deleuze y Felix Guattari. Las tres líneas de ensamblajes se caracterizan como conocimiento, es decir, conocimiento rizomático. Las líneas desencadenan, en situaciones de análisis, de la subjetividad femenina, un camino de encuentros con pensamientos y producción de identidades docentes. El enfoque metodológico utilizado se basa en la investigación bibliográfica como estudio del arte y, en la cartografía, como medio para comprender los procesos de subjetivación femenina en la docencia. Las perspectivas apalancadas apuntan a un horizonte ampliado, sobre movimientos de pensamiento, en el que se potencia la noción de subjetividad, como construcción de una práctica centrada en las singularidades de los sujetos del género femenino.

Palabras clave: subjetividad; identidades; femenino.

Introdução

Esta produção textual estrutura-se com base em objetivos diretos a pesquisa ao explorar o potencial criativo numa situação análoga das linhas de agenciamento ao emergir das subjetividades femininas no exercício docente, com também, promover compreensão dos processos de subjetivação à luz de algumas noções conceituais de Gilles Deleuze e Felix Guattari (1995).

Uma das premissas da estruturação e desenvolvimento do grupo de estudos, que promoveu a pesquisa e desencadeou a escrita do texto é a afirmação de Deleuze (1988), quando este diz que a ideia de devir-mulher para além da condição de gênero, para pensá-lo na diferença.

Os estudos de Deleuze e Guattari (1995), no Brasil, consistem num conhecimento teórico amplo, que vem ganhando espaço, na abordagem metodológica, pesquisa educacional contemporânea. Os percussores desta perspectiva, que se distancia, tanto a psicanálise freudiana - circunscrita ao modelo edipiano - como a lacaniana de matriz estruturalista, são Deleuze e Guattari, os quais pensam o inconsciente, para além do reduto do desejo soberano, como uma oficina, a qual está ligada a contextualização do real, se estrutura a partir de um contexto histórico-social geográfico e político.

Os autores, se opunham à redução do inconsciente ao Édipo (Freud), das explicações familiares como deflagradoras das ações do sujeito, pois para estes o desejo está, fortemente, ligado a um contexto histórico-social. Desta forma, propõem o conceito de *Inconsciente Maquínico* (conteúdo), uma usina - neste texto - será substituído por - oficina - povoado por máquinas que produzem sensações desejantes. O inconsciente é responsável pelo desejo associado a intensidade que produz realidade. Ao engendramento, ou agenciamento (expressão), Deleuze e Guattari (1995) caracterizam como o acoplamento de um conjunto de relações materiais a um regime de signos correspondente.

Torna-se necessário caracterizar as contribuições do conceito *devenir*² para este estudo, no sentido de alargar a compreensão que este a partir da visão de um conceito filosófico atrelado a ideia de mudança constante, mencionado pelo filósofo Heráclito, quando este afirma sobre as águas de um rio nunca serem as mesmas, mudam, são nômades. Para Deleuze e Guattari (1995) o *devenir*³ é o sentido atribuído e vivido, é contágio, não se conclui, se transforma diante da processualidade e complexidade do viver. Caracteriza-se por alianças de identidade e gênero, para a constituição de formas do pensar, sentir, querer e agir. O *devenir* pode ser sentido como alianças afetivas, alcançando a categorização de rizoma⁴. As alianças afetivas, ou as relações desenhadas num dado contexto pode ser caracterizadas como rizomáticas, entrelaçamentos subjetivos que produzem identidades nutridas pelo rizoma do eu, do histórico e do social. Por isso o *devenir* como construção da identidade feminina no processo educativo traz a possibilidade de fluir nos significados, isto é, produzir novas subjetividades.

Outro conceito desenvolvido pelos autores e, tido como objeto de estudo neste texto, diz respeito aos processos de subjetivação através da noção de linhas na esquizoanálise, pois, segundo Deleuze e Guattari somos formados por três tipos de linhas: (a) dura, (b) maleável e (c) de fuga. As linhas duras nos compõem através do estabelecimento de dualidades sociais, que nos estratificam, no sentido forte do termo.

² *Devenir* como conceito filosófico em Heráclito caracteriza a transformação do ser no mundo, um movimento constante do ser em ser; a compreensão sendo compreendida a cada movimento de transformação.

³ *Devenir* como mudança de sentido a partir do encontro com o outro é a caracterização em Deleuze; o todo sofrendo mudanças de sentidos, quando sentido nas relações.

⁴ Rizoma par Deleuze tem uma referência direta à imagem ramificações subterrâneas, um emaranhado de linhas que se entrecruzam, entre as quais não possível distinguir início e fim, nem ponto central.

São as grandes divisões na sociedade: rico ou pobre, trabalhador ou vagabundo, normal ou patológico, homem ou mulher, culto ou inculto, branco ou negro etc. As linhas maleáveis possibilitam variações, ocasionando desestratificações relativas. As de fuga representam desestratificações absolutas, no sentido em que rompem totalmente com os limites das estratificações estabelecidas.

Estabelecidas as caracterizações, o texto procura explorar e promover a discussão sobre o potencial criativo/estruturante das linhas de agenciamento ou engendramento, como saber e instrumento, para interpretar a subjetividade humana, com também promover a compreensão dos processos de subjetivação, segundo o viés interpretativo das linhas: o inconsciente desvelando formas de subjetividades do contexto histórico-cultural em que os sujeitos estão inseridos. Para tal, o contexto, de análise constitui-se num grupo de estudo e pesquisa, no qual a docência e o feminino compõem o campo para análise investigativa.

Desenvolvimento

As linhas de agenciamento em Deleuze e Guattari (1995) possibilitam o estudo das subjetividades, mediante a compreensão de como linhas trazem à luz o tecer das relações, num movimento anfêmero de organização, de reprodução e de exercício da diferença. Assim, subjetividade, é tida como *teia* de linhas que constituem as relações, sociais e individuais. Para tanto, é necessário buscar na filosofia de *Foucault* (Deleuze, 1988), o entendimento sobre a interferência das relações de poder e saber na subjetividade. Partindo desta prerrogativa, o poder, para Foucault (1999) não assumi uma forma única, formas podem coexistir ou mesmo entrar em conflito umas com as outras: o biopoder, o qual o biopoder, o qual não proíbe, mas o reduz a questões de subjetividade.

As contribuições foucaultianas, em Deleuze (1988) são entendidas na caracterização das linhas, suas convergências e singularidades na produção da subjetividade humana. A partir da concepção do inconsciente como máquina desejante frente as questões, tem-se a afirmativa sobre o desejo humano não mais determinado por ligações parentais, mas histórico-sociais, em revolução molecular, Guattari (1981):

Eis que voltamos à questão da esquizoanálise! Não se trata, como podemos perceber, de uma nova receita psicológica ou psicossociológica, mas de uma prática micropolítica que só tomará sentido em relação a um gigantesco rizoma de revoluções moleculares, proliferando a partir de uma multidão de devires mutantes: devir mulher, devir criança, devir velho, devir animal, planta, cosmos, devir invisível... – tantas maneiras de inventar, de ‘maquinar’ novas sensibilidades, novas inteligências da existência, uma nova doçura (p. 139).

As linhas de agenciamento como a emergência de uma condição disruptiva das subjetividades, a qual se submetem os processos de subjetivação de identidades, de conquista de pensamentos em novas sintaxes a fim de promover novas ocorrências. Para Guattari (1996) a “subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo... subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social” (p.31). A subjetividade por entre linhas, como propositora dos processos de diferenciação, sendo responsável por lidar com possibilidades de novas cooperações, mediante, a complexidade do devir, o atravessamento contextual histórico da identidade feminina na educação. Outrossim, Deleuze e Guattari (1995) mencionam sobre os processos de singularidades constituírem um contrassenso, para a efetivação das subjetividades, na medida em que, agem como desvios de pensamento, de atitudes, quando se traduzem em tentativas de traduzir a existência pela ação homogeneizante do capital, interiorização dos valores singulares a serviço de uma demanda comportamental-social, visto desta maneira, existimos e produzimos subjetividades em meio a uma luta de devires e singularidades impostas.

Linhas que tecem o processo de subjetivação: o princípio rizomático: discussão

A subjetividade é vista como linhas, que constituem nossas relações, nossa dimensão social e individual. São as duras, as maleáveis e as de fuga. As linhas, não podem ser tachadas como rins ou benéficas, como se fossem medicamentos, dependendo da quantidade ministrada, podem funcionar como antídoto ou veneno, precisam ser compreendidas como contenções do desejo, delimitações das significações, também, propiciam, no sentido da vivência, tanto a fixação, do desejo em determinadas formas de

vida. Podem propiciar a estabilidade e rigidez. Para, Deleuze (1998) as linhas consistem em um agenciamento, que por sua vez, é uma mistura de corpos, é sempre um recorte de uma rede de relações de forças entre corpos heterogêneos que se conectam por uma vizinhança, uma simpatia, uma simbiose, uma interpenetração de vivências.

As linhas caracterizadas como dura se apresentam, durante nossa história de vida, diversas formas, mostram-se presentes e atreladas ao contexto sociedade vigente. Para Deleuze e Guattari (1996, p. 67) "nelas tudo parece contável e previsto, o início e o fim de um segmento, bem como a passagem de um segmento a outro". Determinam os papéis sociais: terapeuta x cliente; professor x estudante. As linhas são linhas de manutenção do controle, da normatização garantem o adequado para o contexto vigente, incluído, também, os relacionamentos interpessoais. Noção de ordem que equilibra: identidade de esfera social, e a identidade pessoal. Esta linha guarda em si informações de subjetivação – a identidade oscila de acordo com as posições em que ocupa nas relações sociais: não existe em nós um sujeito único, mas vários, traçados: sujeito-aluna, sujeito-professora, sujeito-mãe.

As linhas maleáveis são flexíveis no universo da multiplicidade e heterogeneidade da realidade vivida, mesmo que atuem como rizomas, princípios conectivos. De acordo, Deleuze e Guattari (1995) *cada ponto pode se conectar a qualquer outro*, traçando novas linhas, condições para o estabelecimento de conexões. A analogia com rizoma faz relação com o fato de a linha existir como o lugar e o momento em que a realidade se constrói, que legitima ou autoriza alguma coisa; fundamento, raiz (Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, 2020), os princípios de conexão e de heterogeneidade, onde qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro. As linhas maleáveis se opõem à início e fim, nela o acontecimento move-se com os fluxos do desejo em criar relações ou formas de vida. Elas, segundo Deleuze e Guattari (1995) escapam ao controle dos sistemas, que controlam, que mantém as linhas duras, macro. São em maioria implícitas em seus movimentos de devir. Para estes, a analogia rizomática é *diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem.*" (Deleuze e Guattari, 1995, p.15).

As linhas de fuga produzem, verdadeiros, rompimentos, promovem mudanças bruscas, as quais, por vezes, ocorrem de forma imperceptível, não sendo percebidas nem

pelas linhas duras e nem pelas maleáveis. São rupturas que esfacelam o eu com suas relações até então mantidas, deixando-o a mercê do devir. São linhas, que efetivam desejos, imprevisíveis, não atuam, segundo modelo de orientação liberando o desejo da prisão de linhas duras.

Essas linhas, constantemente se atravessam e interferem uma sobre as outras, se transformam umas nas outras, como correntes de maleabilidade que podem se apoiar em pontos de rigidez, e vice-versa (DELEUZE E GUATTARI, 1995). Tal, engendramento se faz existir sob a ótica do poder, como controle. A vida, segundo Deleuze (1990) tornou-se um bem de valor, de troca. Para este, todos os fenômenos da vida passam a ocupar as prateleiras do comércio, constituindo-se bens de consumo, atrelados ao modelo do regime de expansão do capitalismo, que se apropria da vida e a vê como produção, como doadora de trabalho, de tempo. O capitalismo opera pelo princípio do funcionamento contínuo do controle sobre a vida, sobre as subjetividades. Assim, pode-se afirmar que o capitalismo, também produz subjetividades, contudo, são subjetividades controladas cerceadas pela lógica de ordenação temporal, normativa, preestabelecida.

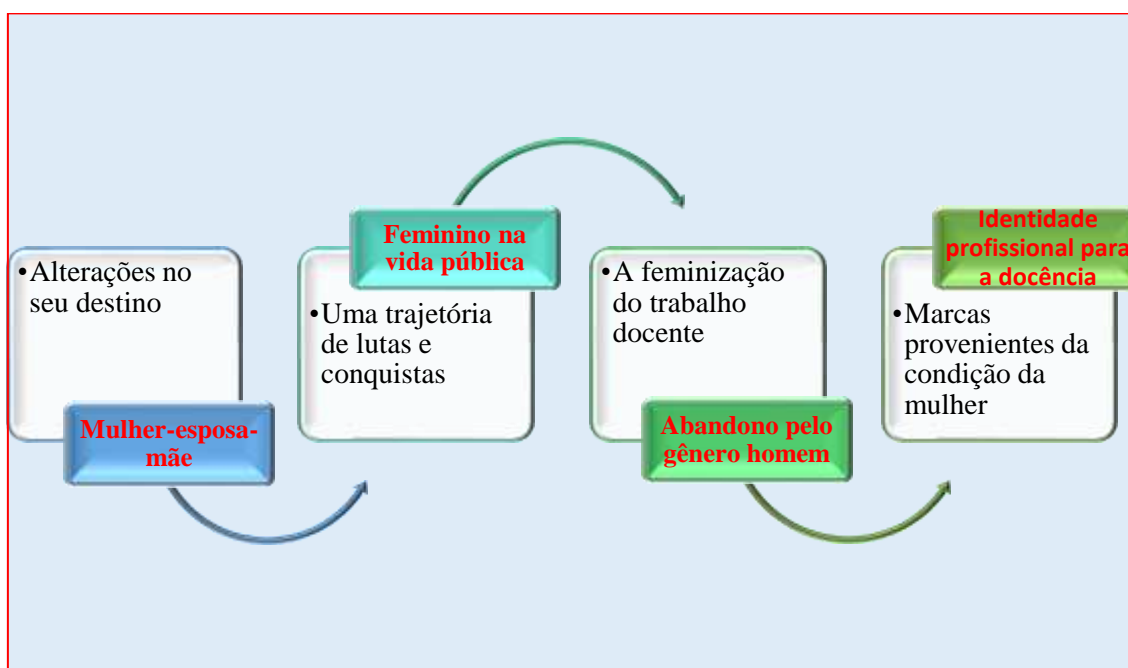
As linhas como tessituras/devires: o engendramento de subjetividades: análise cartográfica

A cartografia - método formulado por Deleuze e Guattari (1972) - acompanha o processo, que investiga a produção empírica, neste estudo, caracterizado pelo acompanhar dos processos de subjetivação humana, como um estado constante de devir. A cartografia acompanha e desvela processos vividos por estudantes - mulheres-participantes de um projeto de pesquisa vinculado ao Curso de Pedagogia da Unioeste (2019). Os encontros aconteceram a cada 15 dias por um período de 6 meses num espaço de 2h. O encontro inicial consistiu em dialogar sobre como sentimos o processo de construção de saberes em curso de formação profissional de professores, a partir de uma rede de relações de forças entre corpos. O segundo encontro consistiu no acordo sobre o estudo do texto: “A mulher e o magistério: razões da supremacia feminina (a profissão docente em uma perspectiva histórica)” (referenciado ao final deste texto). Tal, texto constituiu o caminho teórico, para o exercício prático do pensar e do tecer em linhas,

literalmente, (trabalho em crochê), para o emergir de pensamentos sobre a profissionalidade docente, feminino e a docência, singularidades que engessam a prática docente, identidade, subjetividade. Sendo, a sequência de encontros, desenvolvida, mediante, a discussão de ideias apresentadas pelo texto, que permitiu estruturar tessituras para cada encontro de estudo e pesquisa envolvendo o *pensar, sentir, querer e agir*. O encontro final consistiu em socializar os entendimentos construídos sobre os temas vivenciados e, em como tais temas estão sobrepujados a um sistema de controle, por vezes vivível e, também invisível.

A **figura I** mostra o esquema sobre as abordagens exploradas mediante o estudo coletivo do texto pelos participantes da pesquisa a cada encontro.

Figura I



Fonte: Notas bibliográficas da autora (2021).

A cada encontro, para estudo do texto, a pesquisa era desenvolvida, por meio do aflorar, de subjetividades emergentes do processo de tessituras, estruturado pelos participantes, e a análise era construída, mediante, um processo cartográfico-metodológico, em que os diálogos eram percebidos, sentidos e mapeados em consonância com o devir subjetivo.

O método da cartografia, proposto por Deleuze (1995) possibilita acompanhar as narrativas femininas, que ao serem contadas, narradas e descritas, possibilitam o surgimento de discursos que perpassam pelos engendramentos das linhas duras, maleáveis e de fuga num constante devir de explorações sobre a construção das identidades docentes femininas buscando compreender seus movimentos reflexivos de pensamento, tendo como tessitura subjetiva, que os modos de agir compõem as maneiras de existir do sujeito.

Análise

A busca por compreender estes movimentos reflexivos de pensamento, isto é, a complexidade do pensar, sentir, querer e agir na construção da identidade docente, é entendida como um longo percurso a ser vivido, sentido, na medida em que é marcado por tradições e culturas de ensino, as quais controlam as dinâmicas profissionais em relação ao exercício profissional docente. A intenção da cartografia como abordagem de pesquisa permite o imergir no processo da construção das identidades de estudantes em formação inicial, de forma ampliar o olhar destes, enquanto futuros profissionais, em relação a perspectivas, tais como, as culturas e personalidades, que existem no contexto acadêmico.

A intenção é fomentar a partir da cartografia a emergência de ideais, de forças de pensamento, que não atuem em suas práticas pedagógicas futuras, como forças contrárias as inovações, as dinâmicas, que sufoquem suas identidades subjetivas no campo profissional. Assim, os processos de subjetivação na formação inicial precisam caracterizar-se como elementos constituintes para a identidade social, coletiva e profissional, para que o sujeito mulher amplie o seu olhar, e exerça seu direito de pensar, sentir, querer e agir sobre sua identidade docente.

Na sequência, a **figura II**, ilustra, o engendramento das linhas propostas por Deleuze e Guattari, (1995), associadas a construção da identidade feminina do sujeito mulher- professora, mãe, aluna.

Figura II

Fonte: Notas bibliográficas da autora (2021).

A cartografia, nesta pesquisa, foi desenvolvida, por meio da proposta de elaboração de um trabalho manual pelos participantes num espaço de tempo de 2h, quinzenalmente. O trabalho manual considerado pelos participantes como uma ação artesanal pessoal-criativa caracterizou-se pela elaboração do guardanapo em crochê, como uma ação prática que produz ações reflexivas individuais e coletivas. A construção do guardanapo em crochê por cada membro participante possibilitou o aflorar de sentimentos sobre cada tema presentes nos diálogos que afloraram nos encontros do grupo. A produção do trabalho manual configurou-se como meio, para explorar e mapear a reflexividade subjetiva exposta nos diálogos, na mediada em que o tecer das mãos de cada sujeito com o uso da agulha na linha de artesanato propiciava o fluir dos movimentos dos dedos e o fluir da conversa (diálogo) entre os participantes e a pesquisadora. Havia a tessitura do guardanapo por cada sujeito e tecer do diálogo pelo grupo. Os diálogos constituíam discursos sobre a docência e seus entrelaçamentos conceituais, procedimentais e atitudinais⁵.

⁵ Três nomenclaturas utilizadas na LDB 9394/96 para designar tipos de abordagens em sala de aula a cada conteúdo desenvolvido: o conceito, a metodologia e as perspectivas do aprendizado no contexto social. Aqui a analogia sinaliza o aflorar de discurso em torno da docência e sua estruturação na prática pedagógica.

A escolha pelo trabalho em crochê foi unânime entre os participantes por estabelecer uma conexão com a arte do fazer, do sentir e do agir, que possibilita o pensar sobre. Em nenhum momento a arte do colchetar foi atrelada à ideia da mulher como alguém subserviente ao lar, que desqualifica a essência de ser, ou mesmo que a relega a condição de ser menos no mundo do trabalho. A técnica do crochê não faz distinção de sexo, gênero, idade e classe social, mas é posta como arte, subjetivação do ser.

A cartografia, como abordagem de pesquisa amparada em Deleuze e Guattari (1995) possibilita, neste estudo, a criação, a invenção, ao gerar multiplicidades no exercício de traçar linhas, de instituir movimentos de promover rotas de escape para o pensamento. A cada ponto executado, a cada linha construída, os diálogos sobre o pensar, ou sobre o sentir, querer e agir iam sendo expostos como se fizessem parte do exercício de tecer o guardanapo, quando o diálogo assumia uma conotação mais intrincada de resgate memorístico em torno do tema, o ponto oscilava, perceptivelmente, entre alargado e justo, denotando uma condição de afetamento do pensar, sentir e agir: sentimentos que afloravam em meio ao processo reflexivo. Os apontamentos diretivos em torno da processualidade dos diálogos pelo grupo mostram a emergência de discursos reflexivos em torno da docência, do feminino na docência, da identidade profissional sendo construída durante o exercício de professor na relação com os estudantes e o conteúdo. Observa-se, também, no decorrer da tessitura do guardanapo, que os diálogos fluíam com mais sentido, na medida em que as participantes engendravam seus dedos em meio a linha e agulha produzindo a peça: guardanapo em crochê. Dois processos complexos emergiam tornando-se palpáveis: discursos subjetivos e uma peça em crochê. Afloravam, perceptivelmente, identidades, sendo desveladas por si mesmas e postas em reflexão no coletivo: o processo de autoconhecer-se desencadeando pela linguagem e pela ação de tecer- um rizoma sendo ao mesmo tempo construído e desvelado.

Tecendo, construídos diálogos, refletindo, identidades subjetivas sendo desveladas

Modo de fazer

O guardanapo de crochê é construído com base na elaboração, primeiramente, de uma linha de pontos no formato de uma corrente, composto por seis pontos estilo

correntinha na sequência, no primeiro ponto correntinha fecha-se as correntinhas, com um ponto baixíssimo formando um anel, a seguir são feitos três pontos correntinhas no anel e trabalha-se o segundo ponto alto, volta-se ao anel e trabalha-se o segundo, terceiro, o quarto, e o quinto ponto alto e, assim trabalha-se no anel até conseguir finalizar dezesseis pontos altos.

Na sequência, fecha-se mais uma carreira no anel iniciando a segunda carreira com um baixíssimo e a seguir um ponto alto, depois no segundo ponto alto, mais um ponto alto até fechar a terceira carreira. A cada carreira é preciso inserir um ponto alto junto a outro baixíssimo em diferentes lugares do círculo em construção, para que haja equilíbrio no formato da forma geométrica: círculo.

Ingredientes

O trabalho manual - elaboração do guardanapo em crochê envolveu mostrou a complexidades relações sendo construídas a cada movimento efetuado para estabelecer uma linha de pensamento, que impulsionava o andamento da ação de dar forma a uma ideia, primeiramente, um círculo, depois uma forma artesanal em linha, concomitantemente, ao pensar sobre.

A cada nova carreira de ponto construída, tinha-se embrenhado, nestas perspectivas de pensamento, um agir, um querer em torno da busca pela construção: da forma, de um pensar, sentir: identidades subjetivas sobre um desejo - de ser - de fazer - de se autoconhecer. Cada nova carreira de pontos elaborada permitiu uma relação dialógica com a carreira anterior e, também a recursividade, pois é através da observação, da percepção de espaço entre cada ponto, que se alcança a relação recursiva: cada ponto define o andamento do seguinte numa unidade harmônica de devir. A **figura III** ilustra o trabalho em crochê.

Figura III



Fonte: Imagens da atividade realizada. Notas da autora (2021).

A relação estabelecida entre a elaboração guardanapo em crochê e o processo de reflexividade sobre os pensamentos em torno da identidade feminina sobre a profissionalidade docente pode ser, analogicamente, percebida como o conhecimento sobre o tema posto pela subjetividade⁶, que advém da percepção, da representação, da observação e da experiência. Ao estabelecer diálogos, que problematizam o pensar, o sentir, o querer e o agir na docência, houve a possibilidade do aflorar da subjetividade por meio de frestas, fendas, fissuras, sob signo da emergência de identidades até então enrijecidas. Ao passo que, também, possibilitou novos campos de possibilidades, promovendo no diálogo novos modos de existência, novas relações consigo mesmo e com o mundo, na medida em que o exercer da docência foi colocado sob a reflexão crítica dos participantes e, diálogos tais como: mulher e docência; feminino e a profissionalidade; trabalho baseado no conhecimento e não no controle.

As **figuras IV, V e VI** mostram, respectivamente, a primeira carreira de pontos elaborada, para a construção da forma geométrica do círculo, o prospecto do guardanapo e, o entrelaçar de linhas e agulhas por um dos sujeitos participantes.

⁶ A subjetividade, nesta pesquisa, tem sua caracterização a partir dos estudos em Deleuze. Sendo compreendida como o modo introspectivo, causado, pelo encontro com outro, neste caso, com o grupo, como forma de conhecer os sentimentos, de se auto perceber nos seus diferentes modos de ser, sentir e de se pronunciar: singularidades e potencialidades do ser/existir. O *devenir* fomentado por um rizoma.

Figura IV



Fonte: Imagens da atividade realizada. Notas da autora (2021).

Figura V



Fonte: Imagens da atividade realizada. Notas da autora (2021).

Figura VI



Fonte: Imagens da atividade realizada. Notas da autora (2021).

A atividade de tessitura com agulhas e linhas gerou engendramentos, desconstruções, e produções de significados sobre o que se pensa, o que se sente, o que se quer produzir no contexto da docência partindo da ideia do feminino na educação como potência de ideias. Na medida em que, o trabalho em crochê se materializava, o processo reflexivo no grupo perpassava, por concepções de buscar os direitos de igualdade, sendo que, para ter essa igualdade usufruída, sentida, a mulher na condição do feminino eliminaria a diferença, porque no pensar sobre se deixaria capturar pelo padrão identitário do que é ser uma mulher no agir, em moldes educacionais.

Quando linhas se cruzam, se entrelaçam há a possibilidade analógica de estabelecer relação entre as linhas no trabalho em crochê, que possibilitam os diálogos de diferentes tipos, que como linhas, não param de se misturar umas com as outras, em relação a complexidade do pensar, sentir, querer e agir na condição do feminino, com o engendramento *duro* onde há conversações, questões ou respostas, dogmáticas, que configuram o *pensar*; no engendramento *maleável* há a manifestação dos silêncios, do dedicar-se a ação de tecer no crochê, do *sentir*, no engendramento de linhas de *fuga* materializa-se o *querer e o agir* é como uma forma que se impõe se manifesta. Assim, as linhas de engendramento e o potencial criativo do pensar, sentir, querer e agir se conjugam como outras linhas, linhas de vida, linhas de sorte ou infortúnio, linhas que criam a variação da própria linha de escrita, linhas que estão entre as linhas escritas” (DELEUZE, GUATTARI; 1995, p. 72).

Surge, por meio dos diálogos, suscitados entre as participantes e, entre sua ação de dar forma a ideia de um guardanapo, possibilidade novos entrelaçamentos do pensar, sentir, querer e agir como presença feminina nos contextos educacionais. Sendo que esta nova forma de existir está sujeita a variabilidade, depende de pensamentos, de laços estabelecidos com outros contextos sociais, ou seja, o seu metabolismo engendra o direcionar-se em direção a novas vivências num processo de amplitude existencial por uma maior relação com seu entorno.

A linha dura neste processo de buscar pela subjetividade sobreposta as demandas educacionais sobre o agir na docência, caracteriza-se pelo dogmatismo, presente nas relações, de ensino e aprendizagem tidas como modelo, como paradigma, como verdades inquestionáveis. Foram perceptíveis nos diálogos estabelecidos, quando estes versaram

sobre a avaliação escolar determinar o nível de desenvolvimento intelectual dos sujeitos aprendentes no processo educativo, sem que se possa romper com este dogma.

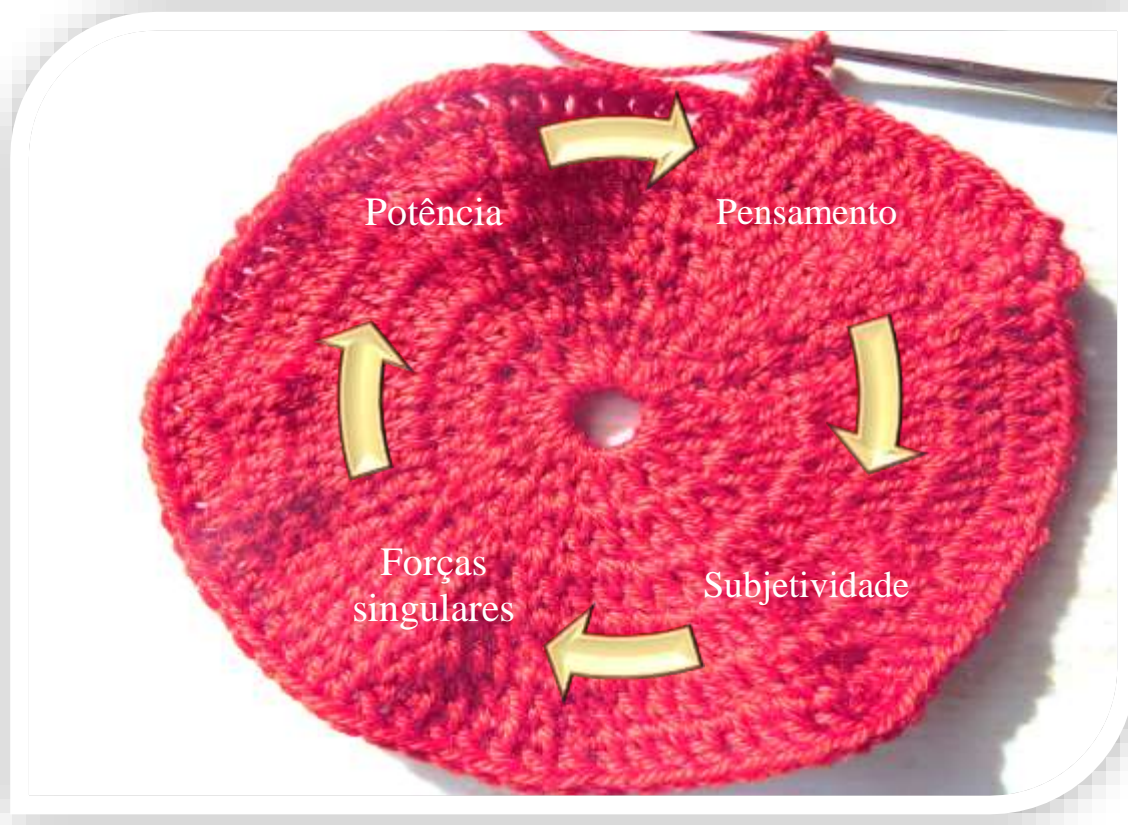
A linha maleável, neste contexto de diálogos sobre o pensar, sentir, querer e agir na docência feminina, identifica-se o fluxo de elementos identitários, que produzem potencialidades de mudanças entre, como se tem desenvolvido a docência e, entre o que se pode tentar desenvolver, em termos de práticas, abordagens conceituais. Após este processo de aflorar de subjetividades, os diálogos retornem a seu enrijecimento, na segmentação maleável houve a abertura do pensamento das participantes, para possibilidades de exercício da docência, para além das contingências usuais e pontuais desta profissão. No que passa como fluxo entre as grandes categorias, sem se fixar naqueles grandes. Houve um fluxo de ideias que permitiu a reflexividade entre o que se faz e o que se pode fazer na docência. As linhas de fuga, neste estudo, afloram, no momento, do diálogo sobre o agir na docência, a vontade de romper com os dogmas por meio da potência do agir, do fazer diferente na prática pedagógica, de buscar abordagens no processo educativo, que institucionalizem entre os sujeitos deste contexto, a autonomia, a criatividade, a possibilidade de ser.

A situação análoga, neste estudo, de propiciar diálogos, desenvolvimento de um potencial criador e recriador, por meio da arte do artesanato, e situá-las a parir das linhas caracterizadas por Deleuze e Guattari (1995) foi possível pela cartografia proposta por estes. Possibilitando o entendimento que, assim como, as três linhas não param de se misturar que há toda uma mistura nos sujeitos, isto é, as linhas compõem seus pensares, transforma suas identidades, agem como rizomas.

Buscando aporte em Foucault (1999) diz-se que tais engendramentos de pensamentos e atitudes caracteriza-se pela arte da existência que gravita em torno da questão de si mesmo, de sua própria dependência e independência dos procedimentos pelos quais se exerce seu controle sobre si próprio e da maneira pela qual se pode estabelecer a plena soberania sobre si (p. 234). A subjetividade perpassa por um movimento de forças pulsantes, deste modo, qualquer pretensão de singularizá-las, ou mesmo de reprimi-las, faz com que a noção de sujeito busque transpassá-las na tentativa de transcender buscando a compreensão do sujeito em sua essência, materializando um

potencial identitário. A **figura VII** ilustra o movimento de pensamento - *devoir* – como potência, caracterizado por Deleuze (2009).

Figura VII



Fonte: Imagens da atividade realizada. Notas da autora (2021).

O princípio de que tudo é movimento, e que nada pode permanecer parado - "tudo flui", "tudo se move", exceto o próprio movimento foi posto por Heráclito. Em Deleuze (2000) o *devoir*, seria a mudança, de pensamento, que entre os participantes da pesquisa, se mostrou num movimento de alternância entre contrários: realidade da ação pedagógica acontece, na mudança constante de ações docentes, de rompimentos de singularidades impostas. Para, Deleuze o “eu” flutua entre os graus de potência, experimentando, assim, uma “linha melódica da variação contínua” (Deleuze, 2009, p. 26).

A partir desta alusão, o contexto de análise provoca no observador/pesquisador o questionamento sobre como os modos de subjetivação são transformados/ sentidos? Uma

das alternativas em resposta ao questionamento encontra-se no caminho para a produção de um modo de subjetivação, que aflora o pensamento identitário sobre a potência de si⁷, direcionando seu fazer docente, os modos de vida precisam ser abandonados, que correspondem a atitudes de submissão e os modos de subjetivação, que permitem o emergir de potencialidades de pensamento sobre o fazer docente em consonância com os ideais de liberdade de expressão, contrário a massificação de identidade atrelada o sexo feminino pronunciada nos encontros de discussão do texto.

Durante os encontros os/as participantes identificaram a profissionalidade docente feminina, como atrelada a representação da profissão como um trabalho, tipicamente, feminino. Durante o fomentar dos diálogos pelo grupo o discurso ganha uma tonalidade objetiva em relação à docência ser vista como algo feminino e tradicional), associado às suas habilidades afetivas e de maternagem chegando à ideia de historicidade do gênero. Tal concepção advém do atrelamento ao fato do corpo docente, ao longo da história, ser composto, basicamente, por mulheres. Estando assim vinculado a atividade de ensino ao cuidado materno, que logo é evidenciado em s teorias psicológicas. Outro diálogo evidenciado pelo grupo aponta a maternagem como estendida do seio familiar, para o contexto educacional, onde o amor e o cuidado seriam essenciais para o desenvolvimento intelectual e o sujeito capaz de garantir esta condição de evolução humana seria a mulher, porque cuida, amar (SEGAL, 1975). Após esta constatação, o discurso reflexivo-emergente das tessituras com agulha, linha e o fomentar do pensamento aponta sentido de processualidade, que impulsiona, no sujeito feminino um vir a ser que é construído, mediante experiência de ação sofrida por diferentes enfrentamentos histórico-sociais, que afetam sua subjetividade e os constrói como sujeitos potentes e não singulares em sua ação pedagógica. Tem-se aí um discurso que vislumbra o construir da potência do corpo pelo viés da reflexividade, da condição de entendimento da profissionalidade historicizada que pode ser transformada, quando somos afetados pelas imposições de discursos sectaristas. A potência sendo vista como uma condição de novos engendramentos do rizoma a partir dos movimentos reflexivos, do aflorar de identidades

⁷ O termo potência é entendido a partir da conceituação de Deleuze (1995). Potencia como possibilidades de ruptura em relação a naturalização posta em movimento, como indissociável de ato, poder do corpo em agir e exercer poder.

construídas que foram afetadas e que podem afetar o processo histórico, o *devoir* na docência.

Considerações finais

Toda a ação de pensamento é complexa e envolve o diálogo com as próprias ideias, o olhar sobre as subjetividades, que fazem eclodir os sentimentos que compõem o íntimo. Deleuze e Guattari (1995) consideraram a subjetividade como processos de subjetivação, e, também, como dessubjetivação, na medida em que o sujeito se constrói se desconstrói em diversas relações, quando se movimenta por linhas de fuga, se estrutura e se desestrutura por meio do ato de criação, da ação potencializadora do movimento de atribuir sentidos (PERES; BORSONELLO; PERES, 2000).

Desta forma, os temas, colocados, na perspectiva do diálogo, durante a confecção do guardanapo, evidenciaram que o pensar, sentir, querer e agir foram constantemente, se movimentando, sob conjecturas, da necessidade processos do mundo da Educação que vivem uma organização própria, sem necessidade alguma de um sistema que lhes dê uma unidade, ora que tais processos precisam ser submetidos a mecanismos de controle, ou ainda, que a docência extrapola o seguir de regras curriculares. Quando se propôs a atividade do fazer crochê como meio para acontecer o diálogo entre as participantes houve a busca pelo potencial criador da experiência, que poderia ampliar o estágio de conhecimento sobre subjetivações identitárias do grupo, entre passado e presente, agora com um olhar renovado sobre si e o contexto vivido.

A identidade subjetivada antes e pós trabalho construtivo do pensar sobre mostrou-se semelhante ao movimento circular engendrado na confecção do trabalho manual em crochê, ou seja, um constante *devoir* entre linhas duras, maleáveis e de fuga, onde a cartografia de exploração de diálogos e tessituras permitiu perceber o caminho elaborado, o diálogo exposto, a forma sendo desenhada por meio da exploração do pensamento, de modo, a explorar o que pode ser mudado, no seu próprio pensamento através de um exercício reflexivo de buscar na linguagem entendimentos para diálogos enraizados em perspectivas sócio-históricas, que permanecem ocultas, porém

manifestadas em discursos dissonantes com os movimentos contemporâneos (FOUCAULT, 1999).

A abordagem do fazer, neste estudo, possibilitou o olhar sobre as formas de produzir conhecimento, que, em suas profundas transformações, têm alterado as percepções, os valores e as culturas que permeiam o pensar, o sentir, o querer e o agir presentes na multiplicidade de identidades femininas no exercício profissional docente. A docência, quando pensada sob o viés do gênero feminino, nos encontros de estudos e tessituras, foi discutida como um processo de feminização da atividade docente, em decorrência do abandono pelo gênero homem devido a escolha destes por outras carreiras mais lucrativas e, também, devido ao fato da delimitação e hierarquizar os conhecimentos, que deviam estar presentes na formação docente, como forma de garantia, para o feminino, quanto a manutenção de singularidades sociais.

Foi na desterritorialização dos pensamentos sobre o pensar, sentir, querer e agir do feminino na docência, que porções de subjetividade, emergiram, por meio da experiência de criação o *devenir* se construiu e desconstruiu, quando aflorou questões sobre o feminino na docência ter sido possibilitado em virtude de um interesse hegemônico em substituir o trabalho docente masculino pelo feminino, por este gênero ser tratado de modo estereotipado - a condição da mulher articulado à profissão docente, como alargamento da maternagem, atrelando a prática do ensino princípios como paciência, meiguice, doçura e bondade.

Não bastasse estes estereótipos, ainda, o exercício profissional estava atrelado no interior do contexto escolar, aos direcionamentos do diretor, do inspetor e/ou delegado de ensino, todos do sexo masculino – uma profissionalidade feminina subjugada a condição de gênero, que perpassou ao longo de uma história por lutas, que puderam ser analogamente, caracterizadas pelas linhas em Deluze e Guattari (1995), quando flutuaram e flutuam constantemente, por períodos duros, maleáveis e de fuga caracterizando-se como conhecimento, saberes rizomáticos.

Identidades, afloradas, por meio da dessubjetivação da influência de contextos histórico-sociais, geográfico-políticos (SELAIBE, 1998). Tem-se aí um novo olhar a partir da subjetividade que produz novos desafios e possibilidades das tessituras, como

análogas a linhas, as devires do engendramento de subjetividades, que desencadeia o olhar sobre trajetória de lutas e conquistas sobre a feminização do trabalho docente.

Referências

- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- _____. Espinosa: **Filosofia Prática**. São Paulo: Escuta, 2002.
- _____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DESCARTES, R. Meditações. In: **Descartes** (Coleção Os Pensadores, 3ª ed., p. 83-142). São Paulo: Abril Cultural. 1983. (Original publicado em 1641).
- FERREIRA, Andréa Tereza Brito. A mulher e o magistério: razões da supremacia feminina (a profissão docente em uma perspectiva histórica). **Dissertação de Mestrado**. UFPE, 1997.
- FOUCAULT, M. (1999). **Vigiar e punir**. (20ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes (Original publicado em 1975).
- FREUD, S. **Além do princípio do prazer**. Imago, 1996. Edição Standard Brasileira.
- _____. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição Standard Brasileira.
- GUATTARI, F. **Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004.
- _____. **O inconsciente maquínico: ensaios de esquizoanálise**. Campinas, SP: Papyrus, 1988.
- _____.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- MANSANO, Sonia Regina Vargas. A respeito do conceito de potência na prática clínica: leituras deleuzianas In: **PsicolArgum**. 2016 jan./mar., 34(84), 29-38.
- PERES, Rodrigo S.; BORSONELLO, Elizabete C.; PERES, Wiliam S. A esquizoanálise e a produção da subjetividade. In: **Psicologia em estudo**. UEM, v.5, n.1, p 35-43, 2000.
- SEGAL, Hanna. Introdução à obra de Melanie klein. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- SELAIIBE, M. Identidade: relevo e depressões na superfície de um conceito. In: **Anais da XVI Reunião Anual Brasileira de Antropologia da Unicamp**. Campinas: Unicamp, 1998.